

Bacia de Jacuípe

José Carlos Santos Vieira Graddi¹, Oscar Pessoa de Andrade Campos Neto¹,

José Maurício Caixeta²

Palavras-chave: Bacia de Jacuípe | Estratigrafia | carta estratigráfica

Keywords: Jacuípe Basin | Stratigraphy | stratigraphic chart

introdução

A Bacia de Jacuípe está localizada na parte setentrional da costa da Bahia, indo aproximadamente de Salvador (latitude 13° S) até a divisa geográfica com o Estado de Sergipe (latitude 11,5° S). O limite nordeste com a Bacia de Sergipe-Alagoas é apenas geográfico,

ou seja, praticamente, não existe uma feição geológica pronunciada que divida as duas bacias, enquanto que o limite sudoeste com a Bacia de Camamu situa-se no sistema de falhas de Itapuã. Souza-Lima *et al.* (2002) e Campelo (2005) sugeriram que a Bacia de Jacuípe seria uma sub-bacia da Bacia de Sergipe-Alagoas, não havendo uma feição geológica expressiva que justifique um limite entre essas duas bacias.

¹ Unidade de Negócio de Exploração e Produção da Bahia/Exploração/Avaliação de Blocos e Interpretação Geológica e Geofísica
e-mail: graddi@petrobras.com.br

² E&P Exploração/Interpretação e Avaliação das Bacias da Costa Leste/Interpretação

embasamento

O embasamento na Bacia de Jacuípe é constituído por rochas granulíticas proterozóicas pertencentes à Província do São Francisco (Almeida e Hasuy, 1984). Assim como nas bacias do Recôncavo, Tucano e Camamu, a Bacia de Jacuípe foi formada em terrenos que estiveram submetidos a múltiplos eventos deformacionais e de metamorfismo desde o Arqueano até o Proterozóico, quando ocorreu a estabilização do Cráton do São Francisco.

seqüências sedimentares

O preenchimento sedimentar da Bacia de Jacuípe é constituído por sete seqüências deposicionais. Essas unidades são correlacionáveis aos estágios rifte e de margem passiva (drifte) que ocorreram nas bacias da margem leste brasileira. Na Bacia de Jacuípe não foram constatadas rochas pertencentes ao estágio pré-rifte.

Superseqüência Rifte

Seqüências K30 e K40

O estágio de subsidência mecânica da bacia ocorreu a partir da idade Aratu até a idade Eoalagoas, quando foram depositadas, em ambientes alúvio-deltaico e lacustre, as rochas das seqüências K30 e K40. Essas seqüências compreendem conglomerados, arenitos e folhelhos que constituem a Formação Rio de Contas e a porção inferior da Formação Taipus-Mirim, definidas por Netto *et al.* (1994). Na borda da bacia predominam as fácies areno-conglomeráticas, enquanto que as fácies pelítico-lacustres, provavelmente, prevalecem nas porções distais, ainda não amostradas por poços. Um importante evento transgressivo de idade Buracica é identificado na Bacia Sergipe-Alagoas, que denominou-se de Folhelho Buracica. Essa máxima inundação do lago que ocor-

reu durante a deposição da Seqüência K30 também foi caracterizada na Bacia de Jacuípe. Entretanto, não é possível discriminar outros eventos dessa natureza nas seqüências sobrejacentes (K40 e K50) devido ao alto percentual da fração arenosa nas áreas onde essas seqüências foram amostradas. Nessa revisão, considera-se que o final do estágio rifte ocorreu no Eoalagoas e teria sido síncrono com as bacias de Sergipe-Alagoas e Recôncavo.

Superseqüência Pós-Rifte

A Superseqüência Pós-Rifte corresponde ao estágio de subsidência térmica da bacia, quando foram depositadas, inicialmente, em condições continentais e posteriormente em ambiente marinho, as rochas da seqüência K50.

Seqüência K50

Representada pela Formação Taipus-Mirim, a Seqüência K50 é constituída por conglomerados, arenitos, folhelhos e evaporitos depositados em ambiente marinho restrito, em uma bacia do tipo *sag*. Netto *et al.* (1994) atribuíram a essa unidade a idade Alagoas e apenas a reconheceram nas bacias de Camamu e Almada. Dias (2005) admitiu que a deposição da Formação Taipus-Mirim ocorreu apenas na idade Neo-Alagoas, quando teve início o processo de subsidência térmica dessas bacias. Nessa revisão admite-se, com base em datações de palinórfos, que os arenitos e folhelhos da Formação Taipus-Mirim ocorrem na Bacia de Jacuípe e foram depositados através de leques alúvio-deltaicos, provavelmente, em um ambiente continental.

Superseqüência Drifte

Seqüência K60-K80

A partir do Albiano, com o aumento da subsidência térmica, a porção proximal da bacia foi soerguida e nos blocos rebaixados foram depositados, em ambiente marinho, os carbonatos e folhe-

lhos da Formação Algodões (seqüência K60-K80). No final do Coniaciano houve um rebaixamento do nível do mar que propiciou a erosão de parte das seqüências subjacentes.

Seqüência K90-K130

Posteriormente à sedimentação carbonática da seqüência K60-K80, mais precisamente, do Santoniano ao Maastrichtiano, um evento transgressivo proporcionou a deposição dos folhelhos da Formação Urucutuca, que representam a seqüência K90-K130. Arenitos turbidíticos associados a flutuações do nível do mar são comuns nas bacias circunvizinhas de Camamu, Jequitinhonha e Sergipe-Alagoas, e devem ser comuns também na Bacia de Jacuípe, que ainda não teve poços perfurados que amostrassem a seqüência do Cretáceo Superior. Outros argumentam, até mesmo, a hipótese de ali não existir o registro do Cretáceo Superior, que estaria ausente por erosão decorrente de um soerguimento regional.

Seqüência E10-N50

Durante o Paleógeno (Seqüência E10-N50), assim como no restante das bacias da margem leste brasileira, persistiu o regime marinho transgressivo, com a sedimentação dos folhelhos batiais da Formação Urucutuca. Somente no Neo-Oligoceno e no decorrer de todo o Neógeno, desenvolveu-se uma plataforma estreita com arenitos da Formação Rio Doce e carbonatos da Formação Caravelas indicativos da regressão marinha, também reconhecida ao longo de toda a costa brasileira.

Vários eventos vulcânicos foram observados por diferentes pesquisadores, que puderam caracterizar sismicamente vários corpos magmáticos interpostos às rochas sedimentares na Bacia de Jacuípe. Analisando os truncamentos e as deformações provocadas nos refletores sísmicos, atribui-se que esses eventos ocorreram ao final do Alagoas e início do Albiano, sendo reativados no Paleógeno.

Seqüência N60

A Seqüência N60 diz respeito aos sedimentos de praias e aluviões (SPA) que englobam os sedimentos clásticos do Pleistoceno e do Holoceno e que compõem a fisiografia atual da bacia. São arenitos e folhelhos da planície de inundação dos rios Joanes, Jacuípe

e Itariri, entre outros, que se depositaram diretamente sobre o embasamento gnáissico. Completam esse quadro os depósitos estuarinos, além da sedimentação de argilas, ainda inconsolidadas, que forram toda a extensão da porção submersa da bacia.

referências bibliográficas

ALMEIDA, F. F. M.; HASUY, Y. **O pré-cambriano do Brasil**. São Paulo: Blucher, 1984. 378 p. il.

CAMPELO, R. C. Integração de métodos geofísicos na caracterização de um limite entre as Bacias de Sergipe-Alagoas e Jacuípe. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE GEOFÍSICA, 9., 2005, Salvador. **Anais**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Geofísica, 2005. 1 CD-ROM.

DIAS, J. L. Tectônica, estratigrafia e sedimentação no Andar Aptiano da margem leste brasileira. **Boletim de Geociências da Petrobras**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 7-25, nov. 2004/maio 2005.

NETTO, A. S. T.; WANDERLEY FILHO, J. R.; FEIJÓ, F. J. Bacias de Jacuípe, Camamu e Almada. **Boletim de Geociências da Petrobras**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 173-175, 1994.

SOUZA-LIMA, W.; ANDRADE, E. J.; BENGTON, P.; GALM, P. C. **A Bacia de Sergipe-Alagoas: evolução geológica, estratigrafia e conteúdo fóssil**. Aracajú: Fundação Paleontológica Phoenix, 2002. 34 p. Edição especial n. 1.





